

O sexual primordial: ingrediente da inquietante estranheza?¹

Luciane Falcão², Porto Alegre

O artigo pretende ampliar a ideia freudiana de que os elementos do sentimento da inquietante estranheza são resultantes do trabalho do recalque. Pretendemos esboçar um possível entrelaçamento entre o que Freud propõe pensarmos como O estranho, a sexualidade infantil e o sexual primordial, relacionando estes aspectos com as nossas dificuldades, como psicanalistas, de pensar e debater temas cada vez mais presentes na realidade do homem do século XXI: as pluralidades e as diversidades da sexualidade.

Palavras-chaves: Estranho; Sexual primordial; Sexualidade infantil; Diversidades sexuais

¹ Texto ampliado da apresentação oral realizada na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), por ocasião do lançamento do XXVII Congresso da Febrapsi: *O estranho – In-confidências*. Porto Alegre, 23 de março de 2018.

² Psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

“Talvez pareça inusitado uma criatura tão estranha ter vindo nos procurar; contudo, qualquer um é livre para tocar campainhas”.
(Scliar, 2004, p. 7)

O *estranho* é um tema extremamente importante para a psicanálise contemporânea e para o mundo atual, recheado de vivências de *inquietantes estranhezas*. Freud (1919/2002; 1919/2010) buscara as raízes desse sentimento nos primórdios da infância, em elementos familiares, porém recalcados. Nossa reflexão se dará sobre uma questão que, do nosso ponto de vista, parece central: seria possível existir, no sentimento da inquietante estranheza, outros elementos ainda sem representações e, portanto, sem condições de trabalho de recalçamento propriamente dito, mas presentes desde o início da vida somato-psíquica? Seria possível pensarmos no sexual primordial – aquele que estaria *aguardando* para ingressar e compor a cadeia da sexualidade infantil? Nossa ideia é que alguns aspectos facilmente integrarão esta cadeia e poderão tornar-se conscientes; outros permanecerão recalcados e ainda existirão aqueles que permanecerão não representados. Os aspectos pulsionais que não ingressarem nesta cadeia ficariam como *alguma coisa* estranha no aparelho psíquico.

Pretendemos esboçar um possível entrelaçamento entre o que Freud propõe pensarmos como o *estranho*, a sexualidade infantil e o sexual primordial, relacionando estes aspectos com as nossas dificuldades, como psicanalistas, de pensar e debater temas cada vez mais presentes na realidade do homem do século XXI: as pluralidades e as diversidades da sexualidade.

1. *Unheimliche*

No *Dicionário comentado do alemão de Freud*, L. A. Hans (Hans, 1996) mostra os diferentes significados de *Unheimliche*: estranho, sinistro, inquietante, macabro, assustador, esquisito, misterioso, etc., apontando uma certa ambiguidade em relação ao termo, que oscila entre o *familiar* e o *desconhecido*. Esta ambiguidade relaciona-se com a “sensação de inquietude do sujeito pelo retorno do material recalcado (portanto conhecido), o qual volta sob a forma de algo desconhecido e assustador” (p. 231).

Em 1919, um ano antes de publicar *Além do princípio do prazer* (Freud,

1920/2006), Freud apresenta o artigo que, em português, recebeu a tradução de *O estranho*. Os dois textos estão relacionados. Com o surgimento da nova dialética, a pulsão de morte justificaria a compreensão de que esta inquietante estranheza seria o *retorno de um estado anterior*. Freud entenderá que a vivência ocorrida na repetição de situações semelhantes está relacionada ao automatismo da repetição que se apresenta *além do princípio do prazer*.

No texto de 1920, a *compulsão à repetição* seria uma forma de manter, em um tempo atual, aquilo que ainda não pôde ser um tempo passado, que ainda não se inscreveu nele e que resta *impassado* (Scarfone, 2014). A *inquietante estranheza* estaria relacionada a vivências muito primitivas; seria “aquilo que é terrível, que provoca angústia e horror” (Freud, 1919/2010, p. 329). Ela surge “daquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, bastante familiar” (p. 331); “o *Unheimliche* seria tudo o que deverá permanecer secreto, oculto, mas apareceu” (p. 338). Está relacionado a alguns complexos infantis recalcados que retornam, sendo derivados da vida psíquica infantil. O efeito inquietante do “retorno do mesmo pode remontar à vida psíquica infantil (...), pois no inconsciente anímico nota-se a primazia de uma compulsão de repetição emanada das moções pulsionais que dependem da natureza mais íntima das próprias pulsões”, as quais “são fortes o suficiente para sobrepor-se ao princípio do prazer que confere a determinados aspectos da psique um caráter demoníaco” (p. 356). O horror estaria relacionado a um movimento misterioso vivido em um tempo no qual o aparelho psíquico ainda não teve possibilidades de realizar um trabalho de representação de tal vivência, deixando-a acessível à consciência. Seguirá, portanto, *atual*. Ou, como diz Jacques André (2017): “O infantil não é a infância (...). Ele é antes aquilo que, do passado, não passa” (p. 13).

Freud (1919/2010) mostra que há um *núcleo* particular responsável por suscitar a angústia, núcleo este que se relaciona com algo inquietante. Ele diz: “*algo* tem de ser acrescentado ao novo e não familiar a fim de torná-lo inquietante” (p. 332, grifos meus). Freud ainda refere que esta vivência está relacionada às *percepções primitivas* que já foram recalçadas e que serão projetadas no mundo externo, não sendo reconhecidas como do próprio sujeito.

Ele propõe a ideia de que a *inquietante estranheza* estaria relacionada a um estado anímico, formado por crenças e matérias da pré-história do indivíduo, ou a uma vivência infantil traumática e recalçada, ambas geralmente ligadas às angústias infantis, principalmente a castração: membros e cabeças amputadas, olhos arrancados, partes do corpo desintegradas, etc. A própria fantasia de ser engolido ou enterrado vivo poderia estar relacionada à fantasia de retorno ao útero. O estranho relaciona-se com algo que já foi vivido, mesmo que em fantasias, onto

Luciane Falcão

ou filogenéticas. Ele considera que, durante o nosso desenvolvimento individual, todos atravessamos uma fase correspondente a este animismo dos primitivos que se desenvolveu em nós, deixando restos e traços ainda capazes de se exprimirem e que “tudo o que nos parece inquietante preenche a condição de tocar nesses restos de atividade psíquica animista e estimular sua manifestação” (Freud, 1919/2010, p. 359), ideia já explícita em *Totem e tabu*³ (Freud, 1913/1977). Acrescenta ainda que a fonte do sentimento de estranheza não necessariamente é uma angústia infantil, mas um *desejo* ou mesmo uma crença infantil (Freud, 1919/2010, p. 350).

Freud (1919/2010) falará sobre o duplo (ideia tomada de Otto Rank). Surge uma investigação sobre as relações do duplo com a imagem que o bebê encontra no “espelho e a sombra, com o espírito protetor, a crença na alma e o temor da morte” (p. 351). O Eu é substituído por um *Outro Eu*, e o que é inquietante advém do fato que o duplo tem sua origem no próprio Eu do sujeito, ou seja, no íntimo. O motivo do duplo estaria relacionado ao retorno a certas fases da história do desenvolvimento do sentimento do Eu, de uma regressão a uma época em que o Eu ainda não tinha se diferenciado em relação ao mundo externo e ao outro. Teria surgido “no terreno do ilimitado amor a si próprio, do narcisismo primário, que domina tanto a vida psíquica da criança como a do homem primitivo, e, com a superação desta fase, o duplo tem seu sinal invertido: passa de garantia de sobrevivência à inquietante mensageiro da morte” (p. 352). O estranho é o duplo que muda de sinal: de positivo, ele torna-se negativo. O negativo do duplo fica impregnado de um juízo da realidade. Ele desmente, forcluindo algo que retorna como uma alucinação ou como uma realidade psíquica que é, para Freud, o inquietante da morte, provocador da estranheza. Retorna como sinal negativo apontando para o princípio da realidade.

2. A repetição do mesmo: *angoisse à neuf*

Neste sentido, há uma questão: o que de *alguma coisa* das vivências infantis não entra nas cadeias de representações e fica como núcleo do *sentimento* de estranheza? Elementos sem representação estariam relacionados a esse período de vivências do narcisismo primário? A resposta, do meu ponto de vista, está na própria obra freudiana. Começamos lembrando que um trabalho psíquico não se limita a criar representações e, assim, a partir da II tópica, Freud (1923/2007) menciona a presença de elementos do aparelho não representados, o que o leva à concepção de um Id e mesmo de um Eu inconsciente. Na recente tradução das

³ Ver cap. III, “Animismo, magia e onipotência do pensamento”.

obras completas de Freud para o francês aparece, na *Conferência 32, Angústia e pulsões* (Freud, 1933[1932]/2010), um termo que nos chama a atenção: *angoisse à neuf*. Do nosso ponto de vista, esta expressão permite entender que Freud estaria se referindo àquela angústia que é sempre idêntica à da primeira vez, ou seja, aquela que não se torna uma angústia sinal de alarme. A *angoisse à neuf* não sofreu nenhuma transformação, é como se fosse uma angústia primordial relacionada ao tempo, que é sempre um tempo presente (Chervet, 2012; Falcão, 2015): “o constante retorno do mesmo” (Freud, 1919/2010, p. 351). Podemos pensar, então, que aquele *núcleo* responsável pela geração da angústia entrelaçada ao sentimento de estranheza também poderia estar relacionado a este aspecto.

Sobre a *repetição do mesmo*, Freud (1919/2010) reconhece que ele pode não ser admitido por todos como fonte do sentimento do inquietante. Mas, “em determinadas condições e juntamente com certas circunstâncias, ele provoca um tal sentimento, que também recorda o desamparo de alguns estados oníricos” (p. 354).

3. Outro elemento: o afeto

Penso que, de alguma forma, Freud já havia lançado algumas ideias relacionando o pulsional àquilo que permanece estranho, no *Recalque* (Freud, 1915/2004):

O representante pulsional se desenvolve de forma mais desimpedida e com maior riqueza quando, por meio do recalque, é retirado da consciência. Ele então prolifera, por assim dizer, na escuridão, e encontra formas de expressão externas. Estas, ao serem traduzidas e apresentadas ao neurótico, não só terão que lhe parecer estranhas, mas também irão assustá-lo, ao lhe espelharem a imagem de uma força pulsional extraordinária e perigosa. Essa força pulsional enganosa⁴ é o resultado de um desdobramento desinibido da representação na fantasia quanto do acúmulo ocorrido quando a satisfação foi impedida. (p. 179)

Neste mesmo texto, Freud mostrará que o elemento que havia sido recalcado seria um representante pulsional, entendendo este como um representante ou um grupo de representações [*representance*] investido pela pulsão com um quantum de energia psíquica (libido, interesse). Freud mostrará agora, a partir da clínica, que existe a necessidade de se decompor o que até então havia considerado como

⁴ Na tradução de P. R. Souza: “Esta ilusória intensidade da pulsão”.

Luciane Falcão

homogêneo: “Paralelo à representação, entra em questão outro elemento [*quelque chose d'autre*] que também representa a pulsão e cujo recalque pode ter um destino bem diferente do recalque da representação” (Freud, 1915/2004, p. 182). Este *outro elemento do representante psíquico* é o afeto, que corresponde à pulsão na medida em que se desprende da representação e, assim, “encontra expressão de acordo com sua magnitude, em processos que se fazem perceber a sensação na forma de afetos” (p. 182), ideia freudiana que será a base para André Green desenvolver o conceito de representante-afeto (Green, 1973; Falcão, 2013).

Freud (1919/2010) dirá que, para entendermos a essência do *Unheimliche*, precisamos saber que

todo o afeto de uma moção emocional, não importando sua espécie, é transformado em angústia pelo recalçamento (...) e que o elemento angustiante é algo recalcado que retorna. Tal espécie de coisa angustiante seria justamente o inquietante, e nisso não deve importar se originalmente era ele próprio angustiante ou carregado de outro afeto. (...) Esse *Unheimliche* não é algo novo ou alheio, mas algo muito familiar à psique, que apenas mediante o processo de recalque alheou-se dela. (...) O inquietante é algo que deveria permanecer oculto, mas apareceu. (p. 360)

Freud conclui dizendo: “o inquietante das vivências produz-se quando complexos infantis recalcados são novamente avivados, ou quando crenças primitivas superadas parecem novamente confirmadas” (p. 371). Freud insiste em mostrar a presença do trabalho do recalque na constituição do sentimento da inquietante estranheza. Mas, ao mesmo tempo, ele próprio inclui aspectos que nos permitem pensar a presença de elementos do aparelho psíquico ainda sem representação como um “afeto de uma moção pulsional” (p. 360) que poderá persistir como elemento decomposto do representante psíquico da pulsão e, portanto, permanecer como uma *angoisse à neuf*, como o representante-afeto.

4. Sexual primordial⁵

Para César Botella (2001)

[É] o fundamento e a força de toda a sexualidade de onde emerge sua forma organizada: a sexualidade infantil perversa polimorfa que se converte e

⁵ Para mais detalhes ver: Falcão, L. (2017). Sexual primordial e sexualidade infantil. In G. Moreno, *Sobre o infantilismo da sexualidade*. Sulina: Porto Alegre.

se realiza no encontro com o objeto e no ‘terreno’ auto-erótico das zonas erógenas. O sexual primordial caracterizado pela indiferença entre a percepção, a representação e a alucinação possui uma tendência alucinatória que se desenvolve pela via regrediente. Uma potencialidade permanente que pode ser ativada e através da qual, dependendo das circunstâncias, surgirá a satisfação, ou através da forma alucinatória de um sonho na regressão do dormir, ou de dia, pelas múltiplas formas de contato com o objeto real: erótica, afetiva, intelectual narcísica. (p. 97)

Na dinamicidade desta descrição, lembramos que, para Freud, no início da vida psíquica, não há distinção entre sujeito e objeto (Freud, 1923/2007). O sexual primordial perpetua o eu prazer purificado e

seu único objeto é o objeto perdido da satisfação alucinatória, e impõe a busca do prazer sem nenhuma matiz, sem nenhuma temporalização, sem discernimento, até a loucura, seja de forma alucinatória ou através do objeto real, dado que não faz diferença se o prazer se realiza (Botella, 2001, p. 98).

Do nosso ponto de vista, o sexual primordial está ligado à força pulsional que constituirá o aparelho psíquico. Essa força pulsional permite as primeiras inscrições eróticas e sensuais, ou seja, as excitações, as quais podemos dizer que são a fonte da sexualidade. As primeiras inscrições – essas excitações – ocorrem no tempo do autoerotismo e na presença do outro-estimulante, são inscrições erógenas que surgem antes da diferenciação eu/outro, tempo do narcisismo primário. Estamos falando das primeiras inscrições do sexual primordial caracterizado como fonte pulsional, por um polimorfismo de zonas erógenas (Chervet, 2010) e por um corpo apto e aberto para vivenciar tais excitações.

Para os Botella (C. & S. Botella, 1982), a apropriação das zonas fronteiriças, que passam a ser erógenas, seria vista como um movimento narcisista e auto-erótico de reunião do sujeito-corpo consigo mesmo, ou seja, um *movimento auto-erótico secundário*. Isto permite a hipótese de que, mesmo com o desenvolvimento do psiquismo, haverá um *sexual primordial que não se transforma*, ao menos não na sua constituição de fundo. Ao contrário, a sua tendência alucinatória, sem fronteiras e sem história, enriquece e favorece os elementos próprios da sexualidade infantil, os quais serão essenciais nos processos de transferência e contratransferência.

Ao mesmo tempo, pensamos o sexual primordial como *uma potencialidade permanente que pode ser ativada*, remetendo-nos à ideia da força libidinal que fará o trabalho de ligadura/tessitura. Neste caso, o *sexual primordial* poderá sofrer

Luciane Falcão

transformações e delas participará, para então adquirir uma forma, a *sexualidade infantil*. Esta, pela sua plasticidade, permitirá metamorfoses e novas criações (André, 2007), ou seja, será uma manifestação implicando um trabalho psíquico.

Gostaria de insistir na ideia de que o sexual, em psicanálise, é algo bastante complexo. A ideia de René Roussillon (2015) de uma *metapsicologia de processo*, que coloca a origem como inacessível e indizível (o sexual primordial, conforme nossa hipótese e de acordo com os Botella), e o sexual como surgindo do ponto de encontro do dentro e do fora, do seu quiasma e do seu trabalho de diferenciação, nos parece fundamental.

O exame do que seria o psicosssexual, oriundo do sexual primordial, na nossa forma de pensá-lo, requer a consideração do par prazer-desprazer ou, se preferirmos, do princípio prazer-desprazer, princípio este que se faz presente nas manifestações da sexualidade e do investimento do objeto. Freud (1926/1977) refere que, desde o início da vida, grandes quantidades de excitações produzem sensações de desprazer, e que os órgãos “conquistam investimentos elevados, algo como um prelúdio do investimento objetual que logo começará” (p. 76), assim como o investimento do aparelho respiratório é o prelúdio do investimento da representação-mãe.

Sintetizando, poderíamos dizer que:

- a) O sexual primordial está mais relacionado às moções pulsionais do Id.
- b) A *sexualidade infantil* implica uma transformação que construirá as figuras da sexualidade, heterogêneas, e que, a partir de um autoerotismo e narcisismo primário, tornam-se receptáculos de investimentos de objeto, os quais farão parte de um mundo psíquico que gerará elementos para sonhos, devaneios, fantasias, brincadeiras, criatividade, desenvolvimento, ou seja, para a construção do inconsciente e do próprio Eu.

5. Construindo uma hipótese... nada original...

A partir desta rápida revisão metapsicológica, e centrada na tentativa de entender o quanto do sexual primordial faria parte do sentimento da *inquietação estranha* que persiste em nós, gostaria de propor uma discussão nada recente e que jamais se esgotará: a forma como estamos percebendo ou negando, trabalhando ou forcluindo a sexualidade infantil dos nossos pacientes em função de que aquilo que é *estranho em nós* seria visto como predominantemente patológico no outro.

Como vimos até aqui, entendemos quais elementos do *sexual primordial* estarão compondo a *sexualidade infantil*. Contudo, algo mudou na nossa forma de vermos esta questão? Recentemente, em conjunto com outros colegas, publicamos

um livro, *O infantilismo da sexualidade* (Garcia, 2017), em que pensamos acerca de determinados aspectos encontrados nas reflexões que quero apresentar.

A partir da clínica, Freud transformou as próprias teorias para abarcar aquilo que ia percebendo no funcionamento de seus pacientes e realizou grandes mudanças a partir daí. A psicanálise contemporânea também já mudou muito da técnica clássica ensinada por Freud, antes centrada no sonho e, depois, no ato (Green, 1974).

Da época da criação da psicanálise por Freud até nossos dias, o próprio homem mudou. Estamos disponíveis para observarmos, percebermos e compreendermos a pluralidade das formas de se viver a sexualidade infantil no adulto?

As mudanças que estão acontecendo na humanidade atingem, sim, a forma através da qual estamos lidando com o infantilismo da sexualidade. Um exemplo está nas próprias Sociedades Psicanalíticas, que até recentemente negavam-se a aceitar homossexuais como colegas.

Temos visto a transformação profunda dos modos de intercâmbios sexuais nos dispositivos históricos-sociais que os regulam (Blestcher, 2017, p. 68). Como vamos fazer para que possamos cada vez mais discutir essas questões? Acompanharemos alguns poucos psicanalistas que tentam mostrar que determinados conceitos psicanalíticos exigem novas reflexões? Ou, como destaca Blestcher, “seguiremos numa perspectiva crítica que não se sustenta mais nas formulações dogmáticas e nem na tolerância senil frente a insuficiência de categorias para compreendermos os fenômenos clínicos que estamos vendo” (Blestcher, 2017, p. 64)?

Teremos uma visão panorâmica capaz de “observar uma pluralidade de posicionamentos sexuais, identidades de gênero, orientações desejantes e modos de gozo que desafiam os sistemas nominativos, classificatórios e normativizantes dos discursos tradicionais?” (p. 64).

Há uma inércia da psicanálise atual no sentido de seguir o caminho de abertura ensinado por Freud?

Estamos prontos para mudanças de perspectivas em relação a alguns conceitos? Aquilo que era visto como *desmentida*, e que diretamente nos enviava para a ideia de uma patologia importante na estrutura do sujeito, segue presente?

Estamos aptos para entender que, hoje, é inaceitável não compreender que o gênero não é *o sexual* e sim o resultado de um trabalho de identificações que formam a estrutura do Eu? E que, portanto, as identificações são problemáticas do Eu, pois são registros identificatórios?

Jacques André (2017) pensa que Freud ficou aquém da sua própria descoberta quando procura restituir ao polimorfismo uma direção e uma finalidade, ou seja, quando tenta restabelecer a ordem na desordem do sexual infantil. Trata-se do

Luciane Falcão

primado do genital, que supostamente caracteriza a forma completa e adulta da sexualidade, pois “a genitalidade é uma relação de dois órgãos genitais: o pênis e a vagina. Ora, essa sexualidade *avançada* está longe de qualificar as vidas sexuais de muitos homens e mulheres. Sob o manto do *primado do genital* insere-se um ponto de vista normativo e, sobretudo, menos assustador que considerar uma sexualidade essencialmente polimorfa que lança mão de todos os meios” (p. 19).

Em 2018, no Festival de Cinema de Berlim, a *Berlinale*, o documentário *Bixa travesty* (Priscilla, Goifman & Mab, 2018) foi premiado com o Teddy Awards de melhor documentário. Este prêmio existe a 30 anos e, desde então, premia filmes que mostram aspectos das relações que envolvem a vida *queer*: homossexuais, travestis, transgêneros, bissexuais e outros. Ou seja, precisou ser criada uma *categoria* de filmes sobre tais questões, sublinhando que, antes disso, esse debate não tinha um lugar de destaque.

Assistir a esse documentário me causou um certo impacto (uma *inquietante estranheza*...). Ele mostra a vida da *bixa travesti* Linn da Quebrada. É assim que ela própria se chama. Fiquei extremamente tocada com o filme. Linn é uma mulher, e não tem dúvida nenhuma a respeito da sua identidade. Diz que, para isto, não precisaria extirpar o seu pênis – afirma que tem um “pau de mulher” –, colocar seios de silicone ou se depilar. Ela se sente mulher, e é assim que vive. Isto é uma desmentida? Ou é a expressão de um paradigma em relação ao corpo? A diretora do filme, Claudia Priscilla⁶, pensa que há nisto a expressão de um corpo que não precisa se relacionar com um ideal de mulher, que era pensado há um tempo, é um novo espaço para pensarmos corpo e gênero. O documentário é sensível, tocante e mexe com muito daquilo que é a nossa sexualidade, envolta ainda em nossos preconceitos. O documentário escancara a vida de um ser humano que vive a sua sexualidade polimórfica como lhe convém. Mostra a sua vida em família, com amigos e, principalmente, as suas performances em shows, onde se apresenta mostrando este corpo de *bixa-travesti* e cujas letras são manifestações a respeito da própria vida. Vida, letras e corpo são transformados por Linn em instrumentos de arte.

A partir de certas sensações estranhas que vivenciei através da imagem e depoimentos de Linn da Quebrada, e estimulada a pensar sobre a *inquietante estranheza*, me interoguei: o que foi isto que senti?

O quanto vejo a vida desta pessoa com base em determinados pré-conceitos relacionados a uma ideia construída a partir de conceitos psicanalíticos que nos apontavam *patologias*?

Foi quando me perguntei: será que algo desse estranhamento que vivi teria

⁶ Entrevista concedida a Camila Gonzatto (2018).

a ver com o fato de que esta pessoa, este ser humano (e tantos outros), revelam aos nossos olhos aqueles aspectos da nossa sexualidade infantil que recalamos?

Será que o estranhamento sentido quando vemos uma pessoa com um corpo com pênis e afirmando ser mulher nos mobiliza porque ela traz à tona aquilo que também já vivemos da nossa bissexualidade? Aquilo que o próprio Freud chama de *alguma coisa* que ficou no aparelho psíquico e não pode ser transformado?

Vamos lembrar que Freud, em *O Eu e o Id* (1923/2007), dizia que, para se pensar o *processo de identificação*, dois fatores precisam ser considerados: a estruturação triangular da relação edípica e a bissexualidade constitucional do indivíduo. Afirma ainda que a “ambivalência constatada na relação com os pais deva se referir inteiramente à bissexualidade” (p. 41), bissexualidade esta que interferirá nos diferentes destinos do complexo de Édipo. Para Freud (1923/2007), o complexo de Édipo mais completo é duplo, um positivo e outro negativo, e depende da bissexualidade original da criança. Talvez essas afirmações de Freud possam ser resultados evolutivos de um pensamento que já surgira em 1899, na carta 208 [113], enviada à Fliess (Freud, 1887-1904/2007): “a bissexualidade! Com relação a esta questão você provavelmente tenha razão. Eu também estou me habituando a considerar todo o ato sexual como um processo entre quatro indivíduos” (p. 462). Será que poderíamos pensar que essa vivência em relação à bissexualidade consistiria em um elemento do sexual primordial, vivenciado pela criança antes da aquisição da linguagem, antes da percepção da diferença anatômica dos sexos? No entanto, como tal, entrará na constituição da sexualidade infantil? De qualquer forma, sabemos que, na obra freudiana, a noção de bissexualidade aparece de diferentes formas, sem apresentar uma uniformidade de pensamento e, assim, torna-se abrangente, servindo para Freud romper com a forma pela qual tal noção era vista.

Será que a *inquietante estranheza* da sexualidade infantil é a própria sexualidade dos adultos?

Será que, quando eu olho para uma bixa-travesti, uma *drag-queen* ou para qualquer ser humano que se permite viver a pluralidade da sua sexualidade, e este olhar me inquieta, provoca em mim um *non-sense*, uma estranheza, estaria relacionado a esta *alguma coisa* que eu acrescento naquilo que eu vejo? Esta *alguma coisa* poderia pertencer aos elementos recalados, mas também aos elementos sem representação, pertencentes ao sexual primordial que não conseguiram entrar na cadeia representacional da sexualidade infantil?

Será que esses elementos permanecem presentes na psicanálise contemporânea em consonância com os discursos retrógrados que reforçam a

Luciane Falcão

violência histórica sofrida por aquelas pessoas que desejam viver a sua sexualidade da forma que lhes convém?

Será que, quando pensamos a constituição do sujeito psíquico e da sua subjetividade, estamos incluindo a noção de que esse sujeito também se constitui em um campo social?

Minha hipótese é que todo o rechaço, todo o desconforto que esses seres humanos provocam em nós (e por mais absurdo que seja isto, precisamos nos permitir sermos sinceros e reconhecer em nós mesmos estes aspectos), os quais foram e ainda continuam sendo rechaçados, contém algo daquilo que é a *inquietante estranheza do sexual primordial e da sexualidade infantil* da própria sexualidade do adulto ou, como disse Freud, será *Unheimliche* “tudo o que deve permanecer secreto no mundo escondido e que um dia surge” (1919/2010, p. 360). Como já referi acima, Freud diz que a fonte do sentimento de estranheza não é necessariamente uma angústia infantil, mas um desejo infantil, ou até mesmo uma crença infantil. Estas pessoas revelam os nossos desejos infantis relacionados à bissexualidade, aos prazeres polimórficos vividos na primeira infância e que envolvem todo o corpo e suas atividades, mesmo antes da criança se deparar com a diferença anatômica dos sexos.

O que eu procuro entender, e nem sempre consigo, é o que da minha *inquietante estranheza da minha sexualidade infantil* fez com que eu visse esses seres humanos, bixa-travesti, transgêneros, bissexuais e outros, como se ainda fossem seres patológicos? O que daquela *alguma coisa* do meu sexual primordial não entrou na cadeia da sexualidade infantil e fica acionando os rechaços e as incompreensões diante desses seres humanos?

Um documentário como este, e certamente as novas gerações que estão por aí, me ajudam e potencializam meus questionamentos. O que deste estranhamento me deixou, durante muito tempo da minha prática clínica, colocar no campo patológico *as identidades e práticas sexuais que não se subordinavam a estereótipos pré-estabelecidos* (Blestcher, 2017, p. 68)?

O documentário *Bixa-travesti* é potencialmente revelador de todos estes aspectos, além da questão racial, que não vou discutir aqui. Ele provoca as emoções mais variadas, mas o principal é fazer com que possamos descortinar nossos preconceitos e perceber que estamos diante de seres humanos, de gente. Mostra como uma mãe vive e convive com esta filha, aceitando e amando-a do jeito que ela é. Linn chega a tatuar na sua testa a palavra “ela”, dizendo que é para a mãe não esquecer de se referir a ela como ELA. Mostra até mesmo um objeto transicional, através da “luva do Nei-Matogrosso”. Linn fora presenteada pelo cantor com uma

luva que ele usava nos seus shows. Um dia, a luva desaparece e Linn fica muito angustiada. Como iria fazer seu show, suas performances, sem a luva? A amiga, Jup do Bairro, outra bixa-travesti, encarrega-se de incentivá-la, mostrando-lhe que ela é Linn da Quebrada, que ela pode, sim, fazer o show sem a luva, pois agora tem, dentro de si, os atributos que via fora (a luva), revelando que o movimento de buscar algo fora precisa de um tempo para se tornar interno. E Linn sobe ao palco sem a luva. Em seguida, Jup conta que ela mesma quem escondera a luva, para que Linn pudesse ter confiança nas próprias capacidades. O documentário vai além: mostra a relação de amizade entre as duas e que a forma como um ser humano quer viver sua sexualidade como adulto só interessa a si próprio.

Linn diz usar a sua música como forma de mostrar a existência de uma arma apontada para certos corpos que vivem uma vida inteira sob risco. Faz da sua música uma arma para lhe proteger, e não apenas de um outro que está fora dela, mas se proteger de pensamentos nocivos a si própria, proteger-se do poder forte e cruel que a tradição tem sobre ela e sobre seu corpo. Ser travesti é, para Linn, algo que lhe aproxima do seu próprio corpo, tornando-a responsável por suas próprias escolhas em relação a si mesma. Através do jogo das palavras que utiliza nas suas músicas – ou seja, na busca da representação palavra –, tenta dar sentido ao seu corpo. Independente da forma como Linn vive a sexualidade através do seu corpo, é um ser humano que também deseja ser feliz.

Jacques André (2017) diz:

A sexualidade infantil não é uma sexualidade preliminar, mesmo se as *preliminares* devem tudo a ela. A sexualidade genital conhece sua meta, o coito, enquanto a sexualidade infantil multiplica os órgãos (a boca, o ânus, cada canto de pele...). A genitalidade busca a descarga, ao passo que a sexualidade infantil deseja, tanto assim, que não sabe o que quer, indefinidamente, sem fim. A sexualidade infantil não é o prelúdio da sexualidade genital, é outra sexualidade, nunca em conformidade, sempre alheia, inquietante, apaixonante. Seu elemento é a fantasia, não há nada nas atividades humanas que não possa excitá-la. (p. 19)

O mesmo autor complementa:

O senso comum sabe do que está falando quando se refere à sexualidade. O psicanalista não sabe mais do que o primeiro! Não por ignorância, mas porque se vê diante de um enigma para o qual não tem a última palavra a

dar. Em duplo desarrimo do instinto (em proveito da pulsão) e do genital (em proveito do polimorfismo da sexualidade infantil), o sexual perdeu a sua clara definição. (p. 20)

As sexualidades dissidentes, diz Blestcher (2017), “vão delineando, não sem matizes, novidades existenciais individuais, familiares e sociais que alteram o regime instituído heterossexista, heteronormativo e falocêntrico” (p. 68). Estaríamos de acordo com esse nosso colega argentino que, ainda em 2009, já considerava que a “equiparação entre travestismo e perversão, ou entre transexualismo e psicose – (definidas estruturalmente pelo predomínio dos mecanismos de desmentida ou forclusão da castração, respectivamente – para mencionar somente duas formulações básicas) – comportam tanto uma generalização abusiva não justificada nos parâmetros metapsicológicos como uma proposta dessubjetivante que não respeitaria a complexidade das determinações erógenas, desejanças, fantasmáticas e ideológicas nas quais se inscrevem os processos de constituição sexual” (p. 69)?

Freud não toma um texto da literatura fantástica (*O homem de areia*, de Hoffmann) para ilustrar algum conceito “fechado”, ao contrário, usou um texto literário que lhe permite se interrogar e ampliar a sua forma de pensar. O *Unheimliche* freudiano serve como exemplo do caminho de questionamentos percorrido por Freud, revelando a sua abertura para descobrir novos elementos ou mesmo outras formas de compreender o aparelho psíquico do ser humano. *Bixa-travesti* também. Mais uma vez, a arte, o cinema-arte, revela o *Unheimliche* para que nós possamos vê-lo nas telas, como a criança na frente do espelho que tenta pegar pela mão aquela imagem que vê, e que, no mínimo, precisa seguir o próprio caminho com este *inquietante* na sua mão. Ou, como disse o próprio Freud (1919/2002)⁷, “o poeta quer nos fazer ver a nós mesmos através de lentes ou de lunetas do ótico demoníaco” (p. 164, tradução livre).

Nossas reflexões permitem pensar que a *sexualidade infantil* surge nas análises como produto da própria análise. Muitas vezes não apenas como ela se manifesta, mas também como aquilo que falta se constituir nos tratamentos psicanalíticos dos adultos (Seulin, 2015) e que perpassa – ou não – o sexual primordial do analista. Podem ficar apenas como índices intraduzíveis, vividos num sensorio ou num sensual, podendo ainda, eventualmente, se transformar ou criar alguma nova representação (Falcão, 2017).

A evolução de qualquer pensamento científico muitas vezes exige o

⁷ Utilizo aqui a versão da tradução francesa e que me parece ter um sentido muito importante para o texto. Freud, S. (2010). L'inquiétant. In *Ouvres complètes – Psychanalyse*, (Vol. XV, pp. 147-188). Paris : Puf. (Œuvre originale publiée en 1919)

rompimento de determinados conhecimentos para que novas concepções possam surgir, abrindo espaços para uma melhor compreensão do ser humano.

Espero que possamos trabalhar as mentes, como psicanalistas, mantendo a inquietante estranheza da nossa sexualidade infantil mais próxima do nosso consciente, para que então possamos estar sempre aptos para ouvirmos quando a diversidade das campanhas tocarem nos nossos consultórios.

Ficam os questionamentos, entre tantos outros que, como psicanalistas, precisamos permanentemente realizar. □

Abstract

The primordial sexual: ingredient of the *uncanny strangeness*?

The article intends to expand the Freudian idea that the elements of the feeling of uncanny strangeness result from the work of repression. We intend to outline a possible weaving between what Freud proposes to think of as *The stranger*, child sexuality and primordial sexual, relating these aspects to our difficulties, as psychoanalysts, to think and debate themes increasingly present in the reality of the 21st century people: the pluralities and diversities of sexuality.

Keywords: Strange; Primordial sexual; Child sexuality; Sexual diversity

Resumen

Lo sexual primordial: ¿ingrediente de la *inquietante extrañeza*?

El artículo pretende ampliar la idea freudiana de que los elementos del sentimiento de inquietante extrañeza son el resultado del trabajo de represión. Pretendemos esbozar un posible vínculo entre lo que Freud propone pensar como *El extraño*, la sexualidad infantil y la sexualidad primordial, relacionando estos aspectos con nuestras dificultades, como psicoanalistas, de pensar y debatir temas cada vez más presentes en la realidad del hombre del siglo XXI: las pluralidades y diversidades de la sexualidad.

Palabras clave: Extraño; Sexual primordial; Sexualidad infantil; Diversidades sexuales

Luciane Falcão

Referências

- André, J. (2007). Le désir et l'exigence. In *La sexualité infantile de la psychanalyse*. Paris: Puf.
- André, J. (2017). O infantilismo da sexualidade. In R. M. Garcia (Org.), *Sobre infantilismo da sexualidade*, (pp. 13-45). Porto Alegre: Sulina.
- Blestcher, F. (2017). La sexualidad infantil más acá del género y de la sexuación: extravíos y encaminamientos de la teoría sexual. In R. M. Garcia (Org.), *Sobre infantilismo da sexualidade*, (pp. 63-84). Porto Alegre: Sulina
- Botella, C. & Botella, S. (1982). Sur la carence auto-érotique du paranoïaque. *Revue Française de Psychanalyse*, 1, 65-79
- Botella, C. (2001). El sexual primordial. *Revista de Psicoanálisis*, 58(1), 93-101.
- Chervet, B. (2010). Source pulsionnelle et corps érogène, des inscriptions de l'après-coup. *Revue Française de Psychanalyse*, 74(5), 1.487-1.494.
- Chervet, B. (2012). Pulsions de destruction ou de mort? Pulsion de destruction et pulsion de mort. *Revue Belge de Psychanalyse*, 60, 89-92.
- Falcão, L. (2013). Representação-afeto na obra de André Green. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 20(1), 139-156.
- Falcão, L. (2015). Introdução à discussão do trabalho O après-coup, a forma e o informe no trabalho do sonho e as formações do inconsciente. A regressão ao informe e a fábrica de formas, de Bernard Chervet. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 22(1), 191-200.
- Falcão, L. (2017). Sexual primordial e sexualidade infantil. In R. M. Garcia (Org.), *Sobre o infantilismo da sexualidade* (pp. 86-106). Porto Alegre: Sulina.
- Freud, S. (1977). Inibições, sintomas e ansiedade. In J. Salomão (Trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB) – Um estudo autobiográfico. Inibições, sintomas e ansiedade. A questão da análise leiga e outros trabalhos*, (Vol. 20, pp. 95-201). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926 [1925])
- Freud, S. (1977). Totem e tabu. In *Edição standard brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (2002). L'inquietant. In *Œuvres complètes - Psychanalyse*, (Vol. 15, pp. 146-188). Paris : Puf (Œuvre originale publiée en 1919)
- Freud, S. (2004). O Recalque. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, trad., Vol. 1, pp. 175-193). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2006). Além do princípio do prazer. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, trad., Vol. 2) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2007). Lettres à Fliess. In *Édition complète*. Paris : Puf. (Œuvre originale publiée en 1887-1904)
- Freud, S. (2007). O Eu e o Id. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (L. A. Hanns, trad., Vol. 3, pp. 13-71). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2010). Angústia e instintos. Conferência 32. In *Obras completas – Novas Conferências*

O sexual primordial: ingrediente da *inquietante estranheza*?

- introdutórias à psicanálise* (Vol. 18, pp. 160-188). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933[1932])
- Freud, S. (2010). O inquietante. In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 14, p. 328-376). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Garcia, R. M. (Org.). (2017). *Sobre o infantilismo da sexualidade*. Porto Alegre: Sulina, 189 p.
- Gonzatto, C. (2018). Blog da Berlinale 2018. Filmes brasileiros levam vários prêmios em Berlim [Entrevista]. *Goethe-Institut Brasilien*. Licensed by Creative Commons Namensnennung – Weitergabeuntergleichen Bedingungen 3.0 Deutschland Lizenz. Recuperado de <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/sup/ber/21178598.html>
- Green, A. (1973). *Le discours vivant*. Paris : Puf.
- Green, A. (1974). Chap. II – L’analyste, la symbolisation et l’absence dans le cadre analytique. In *La folie privée*, (pp. 63-102). Paris : Gallimard, 1990.
- Hans, L.A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Priscilla, C., Goifman, K. (Dir.) & Mab, E. (Prod.) (2018). *Bixa travesty*. [Elenco: Linn da Quebrada, Jup do Bairro, Liniker de Barros]. Documetário, 1h 15min. São Paulo: Paleotv
- Roussillon, R. (2015). Le sexuel infantile entre corps et objet-autre-sujet. *Revue Française de Psychanalyse*, 79(5), 1642-1648.
- Scarfone, D. (2014). L’impassé, actualité de l’inconscient. *Revue Française de psychanalyse*, 78(5), 1357-1428.
- Scliar, M. (2004). *O centauro no jardim*. 10ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sleulin, C. (2015). Émergence et transformations de la sexualité infantile dans la cure. *Revue Française de Psychanalyse*, 79(5), 1333-1407.

Recebido em 18/10/20

Aceito em 02/12/20

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Edgar Chagas Diefenthaeler**

Luciane Falcão

Av. Plínio Brasil Milano, 757/1204

90520-001 – Porto Alegre – RS – Brasil

lufalcao60@gmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA